Mudanças na dinâmica econômica e migratória cearense nos anos 90: análise comparativa entre o perfil sócio-econômico dos migrantes de retorno com os não-naturais.

Silvana Queiroz[1]
Ivan Targino[2]

Resumo

Significativas mudanças ocorreram na dinâmica populacional cearense (aumento da migração de retorno e de não-naturais, paralelamente a redução nas suas saídas) durante a década de 90, associadas "em parte" a um conjunto de transformações sócio-econômicas no Brasil e no Ceará. O artigo tem como objetivo detectar o volume e analisar e comparar o perfil sócio-econômico (idade, anos de estudo, taxa de ocupação e rendimento) dos migrantes de retorno com os não-naturais do Ceará. A principal fonte de dados foi os microdados da amostra do Censo Demográfico 2000, que sofreram tabulação especial. Constata-se que, o volume de retornados é superior ao de não-naturais e de modo geral, a situação sócio-econômica dos retornados é inferior à dos não-naturais.

1. Introdução

Os anos noventa ficou marcado por amplas transformações estruturais a partir do governo Collor, assim como, pela implementação do Plano Real, que garantiu um ambiente de estabilidade macroeconômica com a redução da taxa de inflação. Todavia, as conseqüências das mudanças estruturais e do ajuste econômico adotado pelo país não foram todos positivos, pois repercutiram negativamente sobre o mercado de trabalho, que sofreu profundas transformações na organização da produção e do trabalho, que implicaram na precarização, flexibilização ou desregulamentação das relações de trabalho. O crescimento do desemprego e do subemprego no estado de São Paulo e na sua região metropolitana é a conseqüência mais evidente dessas mudanças.

Assim, nesse contexto de altos índices de desemprego, o estado de São Paulo e a sua região metropolitana que, historicamente, configuram-se como áreas absorvedoras de mão-de-obra de migrantes, procedentes das diversas regiões do país (principalmente nordestinos e mineiros), não podem oferecer tanta *estabilidade* ao migrante como ocorria em décadas passadas, transformando-se em área de *origem* de migrantes.

Paralelamente a esse cenário, segundo os dados do Censo Demográfico 2000, o Ceará foi o estado da região Nordeste que registrou as alterações mais *significativas* (tanto em termos percentuais quanto em termos absoluto) nas suas trocas líquidas. Verifica-se que as suas saídas caíram 23,8% e as suas entradas cresceram 33,9%. Assim, o seu saldo migratório que era de -123.512, em 1991, passou para -23.785, em 2000, implicando num "quase equilíbrio" nas suas trocas líquidas. Isso significa que o Ceará vem conseguindo manter a sua população no estado e, por outro lado, está atraindo migrantes

---

[1] Mestre em economia pela UFPB e Professora da Faculdade Dr. Leão Sampaio.
[2] Professor Doutor do Curso de Mestrado em Economia – UFPB.

(de retorno e não-naturais), revertendo de certa forma sua característica de estado com baixo poder de atratividade de migrantes e elevado poder de expulsão dos mesmos.

Provavelmente, este acontecimento pode ser explicado em parte, pelo bom desempenho da economia cearense, que entre o período de 1980-2000, apresentou crescimento do seu PIB acima da média nacional e regional. Assim, nesse cenário favorável à economia cearense, seria lógico compreender porque o Ceará está atraindo migrantes de retorno (naturais do Ceará) e não-naturais desta Unidade da Federação (UF), conjuntamente com a diminuição das saídas de sua população para outros estados.

2. Volume e diferenciais na estrutura etária

Os microdados da amostra[3] do Censo Demográfico 2000 trazem informações sobre 11,3% da população total do Ceará (7.430.661). Em 31/07/2000, encontravam-se residindo a menos de 10 anos, no estado do Ceará, 348.388 (ver TAB. 1) migrantes (de retorno e não-naturais), que representam um percentual de 4,69% da sua população total.

Nesse caso, vale observar que do volume total (348.388) de migrantes que se dirigiram para o Ceará, este era formado por 187.530 migrantes de retorno[4], ou seja, naturais do Ceará e 160.858 que eram migrantes não-naturais[5].

No que diz respeito à variável idade, os principais aspectos observados na TAB. 1 são os seguintes:

a) os retornados estão significativamente concentrados nas faixas etárias que envolvem crianças: i) na faixa etária de 0-4 anos de idade, estão concentrados 16,10%. Este dado aponta para dois aspectos: 1) significa que a emigração/saída das famílias cearenses para outros estados é feita por casais relativamente jovens, tendo em vista a idade das crianças retornadas (acompanham os pais); 2) as saídas estão ocorrendo num curto espaço de tempo ou durando pouco, pois em menos de quatro anos, estes remigraram novamente para o Ceará. Assim, tudo indica, que o lugar de destino "escolhido" por esses migrantes, não foi capaz de lhes oferecerem oportunidades de emprego. Logo, a volta e/ou retorno seria a melhor alternativa, tendo em vista o provável "fracasso" no local de destino;

---

[3] Os microdados da amostra do Censo Demográfico 2000 foram tabulados com o uso do SPSS, maiores detalhes sobre o manuseio do SPSS ver: Ferreira (1999) Lopes (1995).

[4] Indivíduo que residia em outra Unidade da Federação (UF) e entre o período de 01/08/1990 a 31/07/2000 (data do último censo) retornou para o Ceará (UF de nascimento) e lá permanecia na data do último censo.

[5] Indivíduo não-natural do estado do Ceará, que na data do último censo (31/07/2000), residia nesta UF há menos de 10 anos.

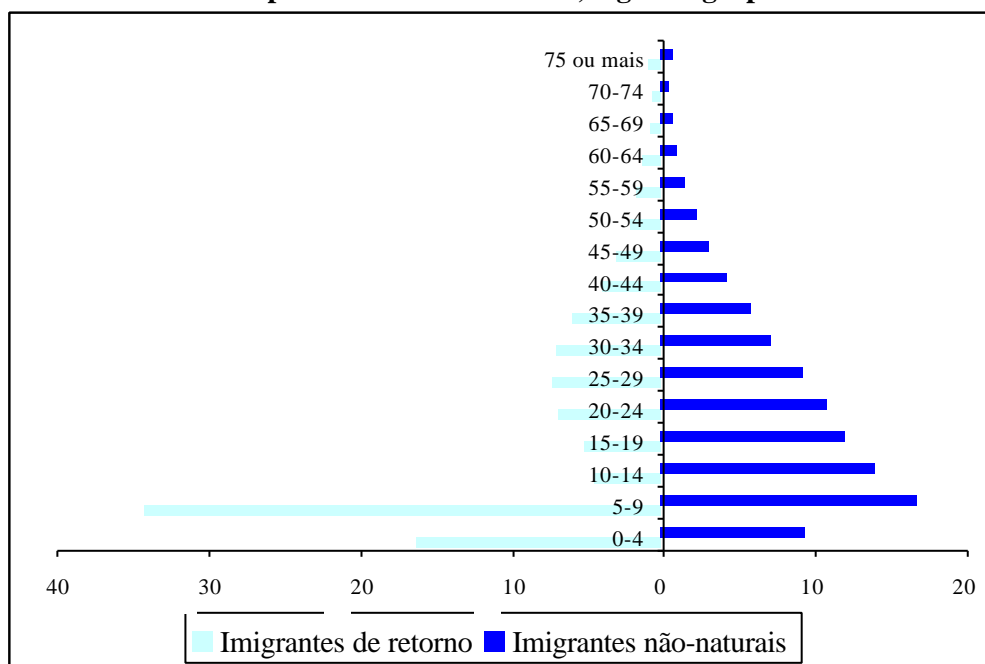
Tabela 1 – Ceará -Distribuição absoluta e relativa dos migrantes de retorno e não-naturais com menos de 10 anos ininterruptos de residência na UF, segundo grupo etário - 1990-2000

Grupo etário	Migrantes de retorno		Migrantes não-naturais	
	Total	(%)	Total	(%)
Total	**187.530**	**100,00**	**160.858**	**100,00**
0-4	30.186	16,10	15.283	9,50
5-9	63.912	34,08	27.142	16,87
10-14	8.363	4,46	22.717	14,12
15-19	9.531	5,08	19.522	12,14
20-24	12.690	6,77	17.451	10,85
25-29	13.327	7,11	14.965	9,30
30-34	12.965	6,91	11.593	7,21
35-39	10.867	5,79	9.442	5,87
40-44	7.159	3,82	6.911	4,30
45-49	5.496	2,93	4.956	3,08
50-54	3.690	1,97	3.796	2,36
55-59	3.106	1,66	2.372	1,47
60-64	2.292	1,22	1.575	0,98
65-69	1.318	0,70	1.186	0,74
70-74	1.168	0,62	752	0,47
75 ou mais	1.460	0,78	1.195	0,74

......Fonte: IBGE – Microdados da Amostra do Censo Demográfico 2000.
(*) valores relativos à amostra que representa 11,3% da população estadual.

ii) entre 0 a 9 anos de idades, aproximadamente 50,18% dos migrantes de retorno aí se concentram (ver TAB. 1 e GRÁF. 1). Isto significa que mais da metade das migrações de retorno para o Ceará foi feita por crianças que nasceram neste estado durante a década de 90 e que nessa mesma década saíram/emigraram do Ceará (provavelmente acompanhadas dos seus pais) para outros estados e, antes de completarem 10 anos, voltaram/remigraram para o Ceará. Este resultado, na verdade, corrobora a idéia anterior de que a duração das migrações cearenses para outras UFs está ocorrendo em curta duração, em decorrência, provavelmente, das variáveis/dificuldades associadas ao mercado de trabalho (crescente taxa de desemprego, subemprego, instabilidade nas relações de trabalho e exigências por profissionais qualificados etc.);

b) os migrantes *não-naturais* estão mais concentrados e/ou uniformemente distribuídos nas faixas etárias que envolvem crianças (0-9 anos), jovens (10-19 anos) e adultos (20 a 29 anos): i) aproximadamente um quarto (26,73%) desses se agrupam na faixa etária de 0 a 9 anos de idade. Não sendo tão concentrado como é o caso dos migrantes de retorno, onde mais da metade (50,18%) destes concentram-se significativamente na faixa etária de 0-9 (ver TAB. 1 e GRAF. 1); ii) na faixa etária que contempla jovens entre 10 a 19 anos, os não-naturais englobam 26,26%, enquanto os retornados reúnem 9,54%. Entre 20-29 anos, os não-naturais concentram 20,15% contra 13,88% dos retornados.

Gráfico 1 – Ceará - Percentuais de migrantes de retorno e não-naturais com menos de 10 anos ininterruptos de residência na UF, segundo grupo etário - 1990-2000

Fonte: IBGE - Microdados da Amostra do Censo Demográfico 2000.
Nota: elaborado a partir da tabela 1.

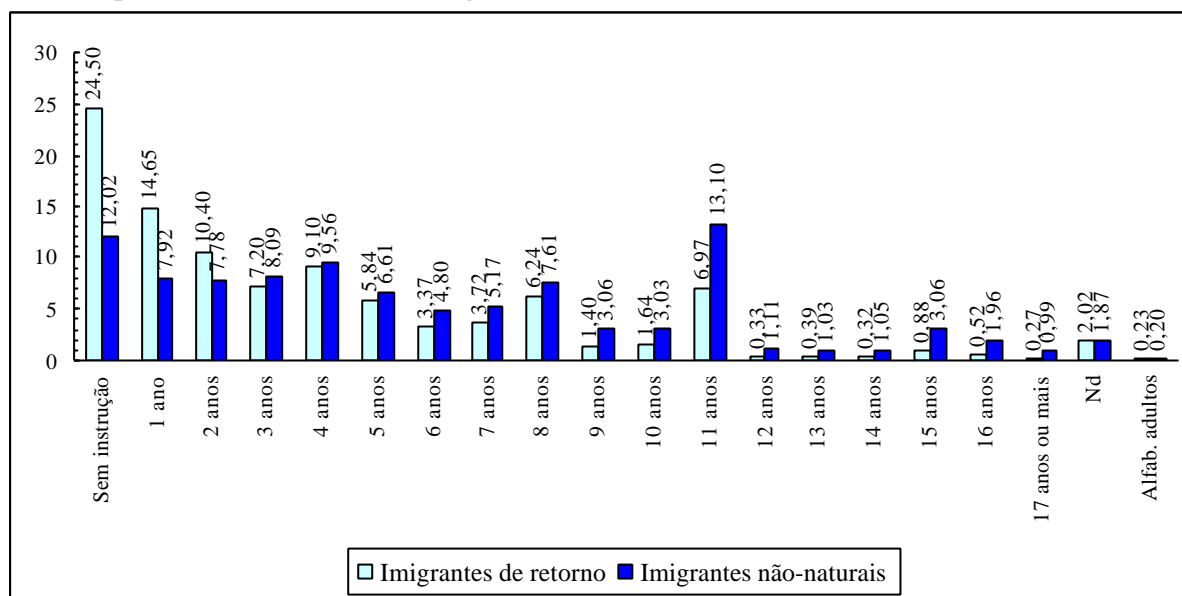
c) baixo percentual de migrantes (de retorno e não-naturais) idosos: i) a partir dos 55 anos de idade, observa-se pouca concentração de retornados (4,98%) e não-naturais (4,40%), além de certo equilíbrio entre as proporções de ambos os grupos de migrantes. No GRÁF. 1, percebe-se claramente que a pirâmide etária nas faixas etárias finais (a partir de 55 anos) é mais estreita e não ocorre diferença significativa entre o volume desses grupos de migrantes. Por sua vez, esse baixo percentual de pessoas idosas (retornadas e não-naturais) nas entradas de migrantes no Ceará, nos anos 90, pode significar que os trabalhadores não esperaram completar o seu ciclo produtivo para retornarem.

A partir desses resultados, conclui-se que os retornados em sua maioria (50,18%) não se encontram em idade produtiva, pois são crianças (0-9 anos); em contrapartida, os não-naturais, estão mais uniformemente distribuídos na idade produtiva (10-54 anos), fato este, que poderá explicar algumas diferenças nos rendimentos entre estes grupos de migrantes, como será visto adiante.

3. Nível educacional dos migrantes

O GRÁF. 2 mostra a distribuição de migrantes[6] de retorno e não-naturais, segundo o nível educacional, tomando como parâmetro os anos de estudo. Da observação do GRÁF. 2, podem ser destacados os seguintes aspectos:

[6]Para a discussão sobre o nível educacional, levou-se em consideração apenas os migrantes com 7 ou mais anos de idade.

Gráfico 2 – Ceará - Percentuais de migrantes de retorno e não-naturais com menos de 10 anos ininterruptos de residência na UF, segundo anos de estudo - 1990-2000

Fonte: IBGE – Microdados da amostra do Censo Demográfico 2000.
Nota: gráfico elaborado a partir de tabela omitada no trabalho.

a) a distribuição entre os níveis educacionais de retornados e não-naturais é bastante diferenciada. O percentual de cearenses retornados com menos de 1 ano de estudo (sem instrução) é de 24,50%, o que representa mais do dobro de não-naturais (12,02%). Esse elevado percentual de retornados sem instrução (menos de 1 ano de estudo), provavelmente é função das precárias condições que estes vivem quando saem do Ceará e vão para os grandes centros urbanos (notadamente São Paulo e o Rio de Janeiro), com o intuito de melhorar de vida. Normalmente, estes moram na periferia das grandes metrópoles, sem terem acesso à saúde, educação e habitação etc., pois cidades modernas e ricas, como São Paulo e Rio de Janeiro, não são mais capazes de lhes assegurar uma vida digna (oportunidade de estudar, trabalhar etc.), tendo em vista o grande déficit social que nelas se registra.

b) alta concentração de retornados nas faixas de estudos que incluem os sem instrução, até àqueles que estudaram somente 2 anos (49,55%). Isto significa que quase *metade* dos migrantes naturais do Ceará que retornaram para essa UF, durante os anos 90, cursaram somente até a segunda série do primeiro grau (ensino fundamental), não se qualificando durante a época que residiu fora do Ceará, provavelmente em função dos fatores citados anteriormente;

c) em todas as faixas que inclui aqueles que estudaram de 3 a 17 anos, os migrantes não-naturais apresentaram percentuais superiores ao dos retornados. Observando que a diferença cresce com os anos de estudos: i) com relação àqueles que estudaram oito anos ou concluíram o primeiro grau, nota-se que 6,24% dos retornados concluíram a oitava série contra 7,61% dos não-naturais; ii) no tocante ao segundo grau ou ensino médio, que engloba pessoas que estudaram 11 anos, as diferenças entre os migrantes de retorno e os não-naturais aumenta, pois somente 6,97% dos retornados concluíram o segundo grau contra 13,10% dos não-naturais. Esta diferença equivale a quase o dobro dos não-naturais que conseguiram concluir o segundo grau; iii) quando se compara a proporção dos

migrantes que concluíram o nível superior, ou seja, que estudaram entre 15 a 17 anos, as diferenças entre retornados e não-naturais aumentam ainda mais, visto que somente 1,67% dos retornados tem nível superior contra 6,01% dos não-naturais, o que representa aproximadamente quatro vezes mais o percentual dos retornados.

A partir desses dados, evidencia-se que os não-naturais apresentam nível educacional superior ao dos retornados. Além dos determinantes citados anteriormente, provavelmente esta diferenciação reflete a falta de tempo por parte dos naturais do Ceará. Estes quando empregados nos grandes centros urbanos, trabalham o dia todo, geralmente em serviços "pesados" (construção civil) e/ou com baixos salários (motoristas, garçons, porteiros etc.), justamente por terem poucos anos de estudos. Assim, com o que ganham, nem sempre é possível pagar seus estudos (curso técnico/profissionalizante), pois o salário é gasto com alimentação, moradia, transporte etc.; deixando o "investimento" em educação para segundo plano.

4 Taxa de ocupação e rendimento dos migrantes

No tocante às informações a respeito da taxa de ocupação e dos níveis de rendimentos (expressos em salário mínimo) dos migrantes retornados e não-naturais, levou-se em consideração somente as pessoas com 10 anos ou mais de idade na data de referência do Censo Demográfico de 2000. Assim, do total de 187.530 migrantes de retorno (ver TAB. 1), só 93.446 retornados responderam que na data do censo tinham 10 anos ou mais de idade. Desses, apenas 48.327 (51,71%) estavam trabalhando em alguma atividade remunerada, na semana de 23 a 29 de julho de 2000 (ver TAB. 2).

Tabela 2 – Ceará - Distribuição absoluta dos migrantes de retorno e não-naturais com menos de 10 anos interruptos de residência na UF, segundo rendimento* total no mês (em salário mínimo) - 1990-2000

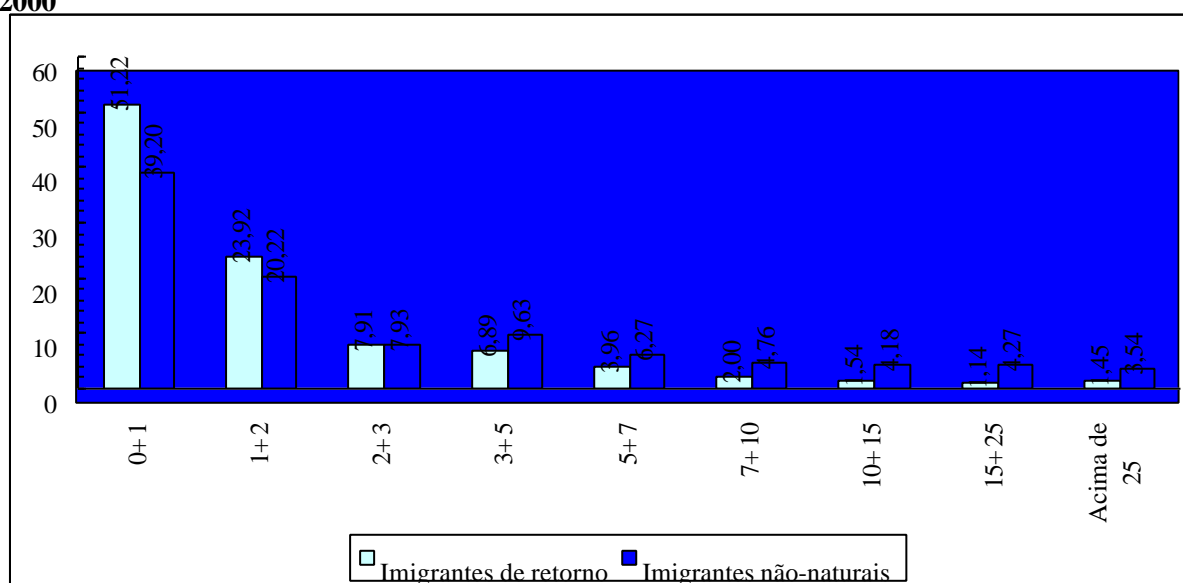
Rendimento em salário mínimo	Imigrantes de retorno Total	Imigrantes não-naturais Total
Total	**48.327**	**52.469**
0 ├1	24.752	20.566
1 ├2	11.558	10.611
2 ├3	3.823	4.159
3 ├5	3.327	5.053
5 ├7	1.911	3.292
7 ├10	965	2.496
10 ├15	743	2.195
15 ├25	549	2.239
Acima de 25	699	1.858

Fonte: IBGE - Microdados da Amostra do Censo Demográfico 2000.
Nota: valores relativos à amostra que representa 11,3% da população estadual.
(*) o corte etário incluiu somente indivíduos com 10 ou mais anos de idade.

Com relação aos 160.858 (ver TAB.1) migrantes não-naturais que se destinaram para o Ceará durante os anos 90, 118.536 não-naturais tinham 10 anos ou mais de idade. Desse total, apenas 52.469 (44,27%) encontravam-se ocupado em alguma atividade remunerada na data de referência do censo (ver TAB. 2).

A partir desses números fica evidenciado que a taxa de ocupação dos migrantes não-naturais (44,27%) é inferior à proporção dos migrantes de retorno (51,71%), não obstante, estes últimos apresentaram nível de escolaridade inferior (ver GRÁF. 2). Provavelmente, isto pode ser explicado pelo fato dos retornados terem laços de família e/ou conhecimento com as pessoas no local de destino (mesorregiões cearenses) e, a partir disso, ser "mais fácil" para este grupo de migrantes conseguir ocupação mais rapidamente do que os não-naturais. Agora resta saber se os não-naturais por terem mais anos de estudos do que os retornados (ver GRÁF. 2) têm maior probabilidade de conseguir melhores empregos e com isso obter melhores rendimentos, conforme prevê a teoria do capital humano (Mincer, 1974; Sjaastad, 1980).

Os principais aspectos observados no GRÁF. 3, que mostra a distribuição de migrantes retornados e não-naturais, segundo o nível de rendimento, tomando como parâmetro a variável salário mínimo, foram os seguintes:

Gráfico 3 – Ceará -Percentuais de migrantes de retorno e não-naturais com menos de 10 anos ininterruptos de residência na UF, segundo rendimento total no mês (em salário mínimo) - 1990-2000

Fonte: IBGE - Microdados da Amostra do Censo Demográfico, 2000.
Nota: elaborado a partir da tabela 2.

a) a maior parte de ambos os grupos de migrantes (de retorno e não-naturais) possue baixo rendimento: i) pouco mais da metade (51,22%) dos retornados e 39,20% dos não-naturais ganha menos de 1 salário mínimo, refletindo o padrão de desigual distribuição de renda predominante na economia cearense. De acordo com os dados do Centro de Estudos de Economia Regional da UFC (Cener/Caen):

> a concentração da riqueza no Ceará diminuiu *um pouco* entre 1986 a 1999, mas voltou a crescer em 2000. Em 1986, 20% dos cearenses mais pobres detinham apenas 2,79% da renda do Estado, enquanto os 20% mais ricos concentravam 66,90% de toda a riqueza do Ceará. Em 1999, os 20% mais pobres tiveram um pequeno ganho de 0.24 pontos percentuais, aumentando para 3,03% a participação na renda. Os 20% mais ricos perderam 4.52 pontos percentuais. Embora tenha caído a participação dos mais ricos, eles continuam concentrando 62,38% da riqueza do Estado. Disponível em: <http://www.noolhar.com.br>.

A concentração de renda é um problema histórico no Brasil. Todavia, no Ceará esse problema é mais grave, pois o abismo social que separa a elite dos mais pobres é mais intenso, haja vista que em 2002 o estado aparece com o terceiro maior índice de concentração de renda do país. Nesse contexto, isto leva a entender que todo o crescimento econômico vivenciado pelo Ceará, no período de 1980-2000, não foi capaz de melhorar a distribuição de renda no estado.

b) apesar da situação de ambos os grupos de migrantes serem precárias, fica evidente que a situação "financeira" dos retornados é inferior a dos não-naturais. Com efeito, a proporção deles (retornados) é mais concentrada nos estratos de rendimentos mais baixos e menos nos estratos de rendimentos mais elevados: 75,14% de retornados contra 59,42% de não-naturais, ganham menos de dois salários mínimo e, somente 1,45% dos retornados ganha acima de 25 salários mínimos contra 3,54% dos não-naturais. Isto que dizer, que para aproximadamente 2,5 migrantes não-naturais, só 1 migrante de retorno ganha mais de 25 salários;

c) nas faixas salariais que compreendem os migrantes que ganham a partir de 3 salários mínimos até o último estrato de rendimento (acima de 25 salários mínimos), a proporção de migrantes não-naturais predomina em todos esses intervalos salariais. Verificando que as diferenças salariais cresce à medida que o salário aumenta.

Parece que a explicação para essas diferenças salariais entre os retornados e não-naturais tem a ver com as seguintes razões:

• transferência de inúmeras empresas do Sul e Sudeste do país para o Ceará, notadamente empresas de calçados do Sul, em que os melhores cargos (chefias, diretorias, gerências) e, conseqüentemente, os melhores salários ficaram com os funcionários do Sul (não-naturais do Ceará), que acompanharam esse processo de desconcentração industrial. Em 1987, Targino (p.414) já apontava para este acontecimento, veja o que diz o referido autor:

> [...] existem evidências de que há uma seletividade nos fluxos migratórios para o Nordeste. Trata-se, na maioria dos casos, de funcionários públicos graduados e de técnico ligados a empresas que instalaram suas filiais no Nordeste [...]

• outra resposta para essas diferenças salariais, "em parte", parece que se explica pelo nível educacional dos migrantes, pois conforme visto anteriormente, os não-naturais possuem mais anos de estudos do que os migrantes de retorno. Assim, segundo a teoria do capital humano, isto explicaria o porquê dos não-naturais estarem concentrados nas faixas salariais mais elevadas. No entanto, esta

mesma teoria deixa algumas lacunas sobre a sua aplicabilidade e/ou aceitabilidade, visto que a mesma considera o mercado de trabalho contínuo e unimodal ao invés de segmentado ou descontínuo;

• outro questionamento se refere à afirmação da teoria do capital humano entre a relação positiva anos de estudo X rendimento. Parece que essa teoria não consegue explicar o porquê de muitos indivíduos com os mesmos anos de estudos terem rendimentos diferentes, ou, que nada garanta que aqueles que tenham as melhores notas/conhecimentos, terão os melhores salários. Na verdade, tudo indica que além de um bom nível educacional como aponta essa teoria, existem outras variáveis fundamentais na ocupação das melhores vagas no mercado de trabalho, como por exemplo, status econômico, laços de família, indicações e, no caso dos imigrantes, conhecimento no local de destino.

Em suma, apesar dos retornados estarem mais concentrados do que os não-naturais nas faixas salariais mais baixas, de modo geral, observa-se que ambos os grupos de migrantes (de retorno e não-naturais) apresentam baixos rendimentos. Demonstrando, a precária situação financeira em que estes vivem ao chegarem no Ceará.

5. Conclusão

Diversas mudanças foram observadas na dinâmica populacional cearense, associadas em grande parte a um conjunto de variáveis sócio-econômicas. Os resultados encontrados anteriormente ratificam a idéia de que os movimentos populacionais são uma resposta à reprodução do capital, que através do processo de acumulação têm criado novas formas de organização do trabalho e da produção, poupando mão-de-obra e/ou aumentado a demanda pela mesma. Nesse cenário, constou-se que o aumento dos fluxos migratórios (de retorno e de não-naturais) com destino para o Ceará, nos anos 90, por um lado, foi em decorrência da crise econômica e social que se instalou no país, notadamente na RMSP, com suas crescentes taxas de desemprego e subemprego; por outro lado, foi reflexo do bom desempenho da economia cearense, no período de 1980-2000, que cresceu acima da média regional e nacional e, com isso, conseguiu aumentar suas entradas em 33,9% e reduzir suas saídas em 23,8%. Em contrapartida, observou-se que, nessa mesma época, o estado de São Paulo reduziu suas entradas em 12% e aumentou suas saídas em torno de 36%.

No tocante a análise sobre o padrão etário dos retornados, detectou-se forte concentração na faixa de 0 a 9 anos de idade (50,18%), sendo que 16,10% envolve crianças de 0-4 anos de idade. Este resultado, na verdade, reflete um ir e vir bastante intenso de cearenses, que provavelmente em função da crise econômica que abala o país, já não encontram lugar “seguro” para viver fora da UF de nascimento e, com isso, remigram para o Ceará num menor espaço de tempo. No caso dos migrantes não-naturais, apesar de 9,50% e 16,87% das suas migrações serem formadas, respectivamente, por crianças de 0-4 anos e de 5 a 9 anos de idade, de modo geral, verificou-se que o perfil etário desse grupo de migrantes é mais adulto, pois eles se encontram bem distribuído nas faixas etárias medianas, que englobam jovens e adultos de 10 a 54 anos de idade. Ainda se constatou que em ambos os grupos

de migrantes (de retorno e não-naturais) as menores proporções e as menores diferenças encontram-se no grupo formado por pessoas idosas (a partir de 55 anos).

Com relação ao nível educacional dos migrantes de retorno e não-naturais, de modo geral, registrou-se que esses dois grupos de migrantes têm poucos anos de estudos. Sendo que os retornados possuem menos escolaridade do que os não-naturais. Todavia, observou-se que apesar dos retornados terem menos anos de estudo do que os não-naturais, sua taxa de ocupação (51,71%) é mais elevada do que a dos não-naturais (44,27%), embora os seus rendimentos sejam menores. Esses resultados envolvem vários fatores: primeiro, parece que a migração desses cearenses para outras UFs não contribuiu para os mesmos melhorarem o seu nível educacional; segundo, o fato dos retornados terem uma taxa de ocupação superior a dos não-naturais pode ser função dos laços de família e de maiores conhecimentos com as pessoas no local de destino; terceiro, a explicação para os retornados terem rendimentos menores do que os não-naturais, *em parte*, encontra respaldo na teoria do capital humano, que justifica os maiores salários em função dos maiores níveis educacionais.

Em suma, de modo geral, observou-se que ambos os grupos de migrantes (de retorno e não-naturais) apresentam baixos níveis de escolaridade, ocupação e rendimento. Demonstrando, a precária situação sócio-econômica em que estes vivem ao chegarem no Ceará.

Referências

FERREIRA, Armando Mateus. **SPSS – Manual de utilização**. Escola Superior Agrária de Castelo Branco. Portugal: ESACB, 1999.

IBGE. **Microdados da Amostra do Censo Demográfico 2000**. CD-ROM.

______. **Documentação dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

______. **Última etapa de divulgação do Censo 2000 traz os resultados definitivos, com informações sobre os 5.507 municípios brasileiros**. Disponível em:<http://www.ibge.net/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>. Acesso em: 12 mar. 2003.

LOPES, Marcelo de Figueirêdo. **Regressão linear no SPSS for Windows (Statistical Package for Social Sciences)**. Curso de Mestrado em Economia - UFPB. João Pessoa: CME/UFPB, nov. 1995.

MINCER, J. **Schooling, experience and earnings**. New York: Columbia University Press, 1974.

OSCILAÇÕES na concentração de renda. **Jornal o Povo Online**, Fortaleza, 22 jul. 2002. Disponível em: <http://www.noolhar.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2003.

SJAASTAD, Larry A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Hélio A. de (Org.). **Migrações internas**: textos selecionados. Fortaleza: BNB, 1980, Tomo 1, p. 115-143.

TARGINO, Ivan. Dependência econômica regional e mobilidade inter-regional do trabalho: o caso do Nordeste. **In: Revista Econômica do Nordeste – REN**, Fortaleza, v.18, n.3, p.405-425, jul./set. 1987.